

É sempre possuídos do maior respeito que nos aventuramos a revolver o segrêdo de um túmulo, onde repousa, no silêncio misterioso que o envolve, o corpo de alguém que foi na vida um cidadão virtuoso ou um amigo querido. Se êsse alguém, entretanto, vindo das camadas humildes da sociedade, se elevou às mais altas dignidades pelo próprio mérito, atingiu o galarim de uma justa fama, como é o caso de D. José Pereira Alves, a êsse respeito se mistura forçosamente uma profunda veneração, que nos obriga a pôr-nos de joelhos, ^{antes de} ao alçarmos, como agora o fazemos, o sudário branco que o vela, para revelarmos alguns traços marcantes de sua extraordinária individualidade.

Não se pode, numa rápida oração, retratar definitivamente a figura complexa de um homem da estatura de D. José, que merece ser apontado às gerações futuras como um verdadeiro padrão de tôdas as virtudes, quer religiosas, cívicas ou morais.

Poucos pastores, na enorme lista dos santos e valorosos bispos da Igreja Católica no Brasil, conseguiram elevar-se tão alto no conceito dos seus concidadãos como o grande Antístite, cuja perda os fluminenses de tôdas as classes, sem distinção de credo, não se cansam de chorar. É que D. José foi, antes de tudo, um bom, um justo e um santo. Resumia em si, encoberto por uma admirável modéstia, que tornava um encanto ao seu convívio, um conjunto de qualidades raras, que se disputavam a excelência.

A notícia da morte de D. José correu célere pela cidade, na aquela noite fria de ^{de agosto} ~~agosto~~... Foi como se um manto espêsso de trevas caísse inopinadamente sôbre a capital do Estado. Anuviaram-se, de pronto, os semblantes; a tristeza invadiu as almas; cobriram-se de luto fechado os corações. Pelas amplas ruas e pelos carreiros sinuosos, nos esplêndidos arranha-céus e nas humildes mansardas, nas praças rumorosas e no recesso tranquilo dos lares, por tôda parte, enfim, onde pulsava um coração, ^{de vento,} o mesmo pesar, a mesma incontida mágua, a mesma torturante angústia, estampando-se em cada rosto, refletindo-se em cada gesto, espelhando-se em cada olhar. A natureza, numa demonstração inequívoca de solidariedade com a dor humana, associou-se também aos genidos do povo fluminense, chorando - ela que parece insensível - a morte do grande e insensível bispo.

Pernambucano de nascimento, descendente de família humilde, mas temente a Deus, para aqui veio D. José, em 1928, por determinações da Santa Sé, que o elegera bispo de Niterói, numa época em que a morte traiçoeira abrira um enorme claro na vida religiosa da família fluminense, roubando-lhe outra grande figura de bispo brasileiro, D. Agostinho Bennassi, de santa e imorredoura memória.

Mal se acreditava que tantas qualidades admiráveis se pudessem aninhar em outro coração que não fôsse o do grande homônimo do bispo de Hipona, o qual, durante anos seguidos, dirigira a Diocese de Niterói, prodigalizando as maravilhas do seu coração à gente pobre e necessitada de sua ^{Diocese,} assistência. Ao menos, assim pensavam os que o conheceram de perto. E pensavam, não porque negassem à Onipotencia Divina o poder de multiplicar os seus predestinados, mas porque a própria experiência demonstra que homens, como D. Agostinho, só de longe em longe aparecem na face da terra.

À frente da Diocese de Niterói, entretanto, o novo bispo, com a sua proverbial humildade, com o seu inflamado amor do próximo, com a quêle enorme zêlo pelas coisas da Religião, a que se juntava uma bondade mais que paternal, conquistou logo o coração do rebanho fluminense, que viu, de pronto, nêle reproduzidas, as excepcionais virtudes do seu pranteado antecessor.

Conheci D. José em pleno vigor de sua privilegiada inteligência, quando, do alto da tribuna, dominava à assistência com um gesto, e a sua palavra arrebatadora, que tinha a unção do Evangelho e a energia das grandes convicções, penetrava até o íntimo a alma dos indiferentes e incréus. Não havia então quem pudesse subtrair-se à sedução da sua eloquência. Bastava saber-se que Sua Excia. ia falar numa igreja qualquer da cidade, para que esta logo se enchesse e se disputassem os lugares mais próximos do púlpito.

As verdades dogmáticas tornavam-se mais accessíveis à inteligência humana; as virtudes dos santos, mais heróicas; as belezas da Religião, mais esplêndidas, através do seu verbo admirável. A êle se poderia aplicar, com rigor, a definição clássica de ^{batân} Quintiliano, a propósito do orador perfeito: Vir bonus dicendi peritus. Bonus de bonis, peritus na

Membro de várias academias literárias do País, era um escritor de grande mérito, que colocava acima das louçanias do estilo o castiço da linguagem e a transparência meridiana das idéias. Acostumado à prática da meditação, no silêncio do santuário, aprendeu primeiro a elaborar com nitidez o seu pensamento, antes de procurar para êle a expressão precisa, conforme a máxima de Montaigne: Bien dire, je dis que c'est penser. Falar bem, digo que é ~~bem~~ pensar. *bem.*

Tôda a vida de D. José foi consagrada ao serviço da Pátria e da Religião. Nunca se lhe descobriram outras preocupações senão aquelas que diziam respeito à grandeza da terra, que lhe servira de berço, e a glória da fé, que, por vocação, desde a infância abraçara. Os seus sermões e as suas práticas lembram páginas de antologia, onde, sob qualquer pretexto, se exalçam as belezas da religião e a glória da Pátria. — Em tôdas as coisas boas, via sempre outras tantas manifestações da bondade divina, possibilitando aos homens ingratos os variados meios de salvação. Amou a Igreja com tôdas as fôrças de sua nobre alma e, como o profeta, poderia dizer ao Deus dos exércitos: Zelus domus tuae comedit me. O amor da tua casa devorou-me. Homem de ação, multiplicou, no Estado, as associações religiosas, que sempre encontraram nêle, mais que um amigo, um verdadeiro protetor.

As homenagens que lhe eram tributadas, em que, às vêzes, se vislumbrava algo de particularíssimo, mais dirigido à sua pessoa que ao bispo, na sua rara modéstia tomava-as sempre como devidas à Igreja que representava, para ^a quem, dizia, tôdas as homenagens eram poucas. Assim era D. José.

Morreu pobre, como pobre vivera. Entretanto, jamais lhe assomou alguém ao solar da porta com a mão estendida, que não recolhesse o bálsamo de uma pequena esmola, de par com os conselhos que lhe ditava a caridade cristã. Por isso, a ninguém surpreendeu aquela confissão, agora tornada pública em carta divulgada pela imprensa: "Não pude nem soube guardar dinheiro".

Entre tôdas as qualidades que exornava a pessoa do grande bispo, é de justiça colocar-se, em plano de evidência, o seu acrisolado amor filial. Teve extremos de gentileza com a velhinha, sua mãe, que seguiu a apagar-se de tôdas as alegrias da terra, desde o momento em que

porque lhe dá forças a saudade dos dias felizes, passados no seu doce con
vívio.

Aos primeiros prenúncios da aproximação da morte, é para ela que se voltam os seus cuidados, recomendando-a à consideração do Monsenhor Uchoa e do Padre Macedo, seus fiéis e leais amigos.

O grande drama que é, para o comum dos mortais, os últimos mo
mentos de vida, foi para D. José a coisa mais natural do mundo. Morreu tran-
quilamente, sem um gemido, sem uma contração, sem uma lágrima. Dir-se-ia
um peregrino que, depois de longa jornada através de estradas ásperas e
tortuosas, chegasse, finalmente, ao almejado destino, para o repouso re
parador.

Uma morte assim, serena e calma, não a pode ter um mortal qual-
quer, mas somente aquêle que nasce sob o signo da predestinação. Não é a
morte, em tais circunstâncias, um castigo, mas um prêmio para quem combateu
o bom combate. Sòmente a merece o que fêz todo o bem que pôde; o que soube
dignificar a vida, dignificando a própria espécie; o que teve a consciên-
cia do dever cumprido superiormente; o que, por consequência, nada receia
quando o Supremo Juiz lhe pedir contas de suas ações: Redde rationem vili-
cationis tuae.

Em nenhuma das atitudes da hora extrema, traiu D. José o me-
nor apêgo às coisas terrenas, que sabia transitórias e perecedouras. Mas
as criaturas, essas certamente o preocupavam. Nem poderia ser de outro mo
do, sabendo que ia deixar, quase ao desamparo, a sua santa mãe, de que se
despediu com uma grande saudade, e a cujo amor confessava não pôde nem soube
corresponder. Nem foi também indiferente à amizade de tantos sacerdotes,
alguns dos quais êle próprio ordenara, e que ali assistiam a agonia do a-
mado Pastor, misturando as lágrimas com as orações. E essa preocupação, re
velou-a êle, quando a Providência lhe concedeu alguns momentos de lucidez,
na bênção final que lhes deu, em que certamente pôs tôda a sua alma de pai
espiritual amantíssimo. Aquela bênção não significou uma despedida, mais
que isso, foi uma promessa formal de que os não deixaria desamparados da
proteção divina. Non relinquam vos orphanos.

Tal foi, em rápidos e fugidios traços, D. José Pereira Alves:
um modelo de cidadão e de bispo. "Passou a vida praticando o bem" - como
de Cristo disse o apóstolo. Os anjos devem tê-lo recebido em festa no pa-
raíso, celebrando-lhe a glória para sempre. A terra perdeu um dos seus
mais conspícuos filhos, é verdade, mas o céu ganhou mais um santo.

D. JOSÉ PEREIRA ALVES

Morreu D. José Pereira Alves!

A notícia correu célere pela cidade, anuviando os semblantes, enchendo de tristeza as almas, enlutando os corações. Nas avenidas e nos morros, nos esplêndidos arranha-céus e nas lôbregas mansardas, nas praças públicas e no recesso dos lares, o mesmo pesar, a mesma incontida má-gua, a mesma torturante angústia, se estampava em cada gesto e em cada olhar. A natureza, numa manifestação surpreendente de solidariedade, associava-se à grande dor do povo fluminense, chorando - também ela que parece insensível - a morte do grande e inesquecível bispo.

Sunt lacrimae resuem.

Morreu D. José Pereira Alves!

Estão inertes aquelas mãos que foram feitas para a benção e prática do bem; já não se movem aquêles lábios que só se entreabriam para pronunciar palavras de afeto e de carinho; paralisou-se aquela língua afei-ta a entoar hinos de louvor à Religião e à Pátria; já não bate aquêles gran-de coração, acostumado a pulsar pelas causas boas e nobres. Tudo emudeceu, de um instante para o outro, no silêncio do túmulo.

Pernambucano de nascimento, D. José Pereira Alves para aqui veio, por determinação da Santa Sé, que o nomeou bispo de Niterói, num mo-mento em que a morte traicoeira abrira um enorme claro na vida religiosa da família fluminense, roubando-lhe ao seu convívio outra grande figura de bis-po, D. Agostinho Bennassi, de santa e inesquecível memória.

Mal se acreditava que um conjunto admirável de virtudes se pudesse aninhar em outro coração, que não fôsse o do seu grande homônimo de Hípona. Ao menos, assim pensava os que o conheceram de perto. Não que negas-sem à onipotência divina o poder de multiplicar os seus predestinados. Não. Mas, porque a própria experiência demonstra que homens, como Dr. Agostinho Bennassi, só de longe em longe aparecem na face do planeta.

Na sé episcopal de Niterói, entretanto, D. José, com a sua pro-verbial humildade, com o seu inflamado amor ao próximo, com o seu zelo pelas coisas da religião e com aquela paternal bondade, que era bem o seu apanágio, conquistou logo o coração dos fluminenses, que viram nele, bem reproduzidas,

as mesmas excepcionais qualidades de seu antecessor. Como César, ao pisar no torrão fluminense, êle poderia repetir: veni, vidi, vici. Cheguei, vi, ven-
ci.

Conheci-o nos bons dias, ainda em pleno vigor de sua lúcida
inteligência, quando, do alto da tribuna, dominava a assistência com um ges-
to, e a sua palavra arrebatadora, que tinha a energia de grandes convicções,
penetrava, até o íntimo, a alma dos indiferentes e do incrêus.

Membros de várias academias literárias, era um escritor de ra-
ça, que colocava acima das galas do estilo, o castiço da linguagem e a trans-
parência meridiana do pensamento. Não lhe ficaria mal nos lábios aquilo de Mon-
taigne: bien dire, ie dis que c'est bien penser.

Pobre, ninguém jamais lhe assomou à porta, sempre aberta è mi-
séria, que não recolhesse o bálsamo de sua esmola, de par com os conselhos que
lhe ditava a caridade cristã.

Bom filho, teve extremos de gentileza com a velhinha, sua mãe,
que, nesta hora de luta, sente apagar-se para sempre, com a morte do filho que-
rido, tôdas as alegrias da terra.

Grande patriota, os seus sermões e as suas práticas, lembram
páginas de antologia, onde se exaltam as belezas da religião e a glória da
Pátria.

Alma profundamente religiosa, via, em tôdas as coisas boas
outras tantas manifestações de bondade divina, possibilitando ao homem ingra-
to os variados meios de salvação. Amou a Igreja com tôdas as fôrças de sua al-
ma e como o profeta, lhe seria lícito repetir ao Deus dos exercítos: Zelus do-
mus tuae comedit me. O amor da tua casa devorou-me.

Homem de ação, multiplicou, no Estado, as associações religio-
sas, que sempre encontravam nêle, mais que um amigo, um verdadeiro protetor.

Tal foi, em rápidos traços, D. José Pereira Alves. Um modelo
de bispo e de cidadão. Passou a vida praticando o bem, como de Cristo, disse
o apóstolo.

Os anjos devem, a esta hora, estar em festa, celebrando-lhe a
glória.

A terra perdeu um dos seus maiores filhos, mas o céu ganhou
um santo.